

140

**Cinco Poetas Vermelhos
na Linha de Fogo**

João Quartim de Moraes

Primeira Versão

Primeira Versão é uma publicação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Destina-se a abrigar aqueles trabalhos de circulação restrita, seja porque são parte de uma pesquisa em andamento, seja por estarem voltados para atividades didáticas, ou ainda, são ‘papers’ apresentados em reuniões fora do âmbito do Instituto. *Primeira Versão* é, portanto, uma publicação predominantemente voltada para a circulação interna, mas, por isso mesmo, pode vir a preencher um papel importante na vida acadêmica e intelectual do IFCH. *Primeira Versão* está aberta a todos os professores do Instituto. As propostas de publicação deverão respeitar o limite máximo de 50 páginas e os originais deverão ser entregues no Setor de Publicações.

Comissão de Publicações

FICHA TÉCNICA

Diretor: Profa. Dra. Nádia Farage

Diretor Associado: Prof. Dr. Sidney Challoub

Comissão de Publicações:

Coordenação Geral:

Prof. Sidney Chalhoub

Coordenação da Coleção Idéias:

Profa. Dra. Neri de Barros Almeida

Coordenação da Coleção Trajetórias:

Prof. Dr. Álvaro Bianchi

Coordenação das Coleções Seriadas:

Prof. Dr. José Carlos Pinto de Oliveira

Coordenação das Coleções Avulsas:

Profa. Dra. Guita Grin Debert

Coordenação da Coleção Clássicos:

Profa. Dra. Nádia Farage

Representantes dos Departamentos:

Prof. Dr. José Carlos Pinto de Oliveira – DF

Prof. Dr. Álvaro Bianchi – DCP

Profa. Dra. Guita Grin Debert – DA

Profa. Dra. Nádia Farage – DA

Representantes dos funcionários do Setor de Publicações e Gráfica:

Maria Cimélia Garcia e Sebastião Rovaris.

Representantes discentes:

Vinicius Rezende (pós-graduação)

Paula Berbert (graduação).

Setor de Publicações:

Maria Cimélia Garcia – Maria Aparecida Palma de Lima – Hilda Sigala Pereira

Gráfica:

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Marcilio Cesar de Carvalho e José Carlos Diana

Endereço para correspondência

IFCH/UNICAMP

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Caixa Postal 6110

CEP: 13083-970 – Campinas – SP

Tel. (019) 3521.1604 / 3521.1603 – Fax: (019) 3521.1589

pub_ifch@unicamp.br

<http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>

Capa – Composição e Diagramação – Revisão – Impressão
IFCH/UNICAMP

CINCO POETAS VERMELHOS NA LINHA DE FOGO

João Quartim de Moraes
Departamento de Filosofia
IFCH – UNICAMP

1 – Contexto histórico: a União Soviética, o nazi-fascismo e a hipocrisia liberal

Um armênio, um francês, um chileno, dois espanhóis (um andaluz e um valenciano) comparecem nesta coletânea. Dos cinco, quatro eram “comunistas de carteirinha” (como dizem por aí, nem sempre com boas intenções). O quinto, Federico García Lorca, era simpatizante da causa vermelha e por isso os fascistas, seguindo a consigna de um dos seus chefes (“Viva la muerte!, abajo la inteligencia!”), o assassinaram. Dois outros, o espanhol Miguel Hernández e o armênio Manuchian também foram mortos na força da vida pelos carneiros do nazi-fascismo. O chileno Neruda viveu bastante, mas morreu de desgosto alguns dias após o golpe contra-revolucionário dos generais fascistas chilenos apoiados pelos genocidas H.Kissinger e R. Nixon. Só o francês Aragon “a franchi le mur des ans” (“atravessou a muralha dos anos”, como diz um verso seu) para morrer no tempo próprio de seu corpo.

Três desses poetas expressaram-se em espanhol; dois em francês. Além da identidade da causa pela qual combateram, une-os a tenebrosa situação histórica de luta de vida e morte contra o nazi-fascismo. Não há mais torpe insulto à memória deles do que as reiteradas iniciativas dos liberais reacionários e neofascistas que dominam o Parlamento europeu e governam vários países europeus, de se servir do pacto nazi-soviético de 1939 para assimilar os comunistas aos nazistas. Os sarkozys, os berlusconis et caterva,

eleitos com o apoio do voto fascista, “esquecem” que os governos inglês e francês, que tinham recorrido à intervenção militar, bem como ao bloqueio econômico e diplomático, para tentar destruir no nascedouro o poder dos soviets, continuaram recusando-se, de 1936 a 1939, a negociar com a União Soviética os meios de conter o expansionismo alemão. Todos os estudos sérios sobre a diplomacia das grandes potências européias durante esses anos põem a nu a perfídia daqueles dois governos, que estavam empenhados em negociar com Hitler, com a expectativa de que ele dirigisse contra a URSS seus ânimos guerreiros. Por isso mesmo, britânicos e franceses também se recusaram, em nome de uma hipócrita ”neutralidade”, a vender armas para o governo legítimo da República Espanhola, agredida pela sublevação militar-fascista, embora esta estivesse recebendo decisivo apoio militar de Hitler e de Mussolini. O único governo que entrou no confronto do lado da República foi o da União Soviética.

Tal foi o significado do pacto liberal-nazista de 1938, concluído em Munique, entre Daladier, Chamberlain (chefes de governo respectivamente da França e da Inglaterra) e Hitler. A União Soviética, a despeito de ter assinado um tratado de defesa mútua com o governo tcheco, foi mantida fora das negociações anglo-franco-alemãs-italianas, ao passo que Mussolini foi convidado e amistosamente recebido. Os próprios tchecos foram apenas notificados das decisões tomadas por aquele bando de celerados: seu país seria desmembrado, de maneira a satisfazer o Führer, que exigia a anexação da região dos Sudetos. A Polônia tem fundadas razões para se pôr como vítima do pacto nazi-soviético de 1939, mas pouca moral para denunciar o anexionismo dos vizinhos. Os poloneses participaram, em 1920-1921, com ajuda militar francesa, da agressão reacionária internacional contra a jovem República dos Soviets. Anexaram a Galícia oriental, que compreendia as regiões ocidentais da Ucrânia e da Bielo-Rússia. Por ocasião do infame Tratado de Munique, assinado em 29 de setembro de 1938, o governo polonês composto então, como hoje, por clérigo-fascistas, aproveitou-se para também engolir um pedacinho do que havia sido a República da

Tchecoslováquia: anexou o rico distrito de Tetschen, com 228.000 habitantes e muitas jazidas carboníferas¹.

Num artigo baseado em alguns dos mais notáveis estudos em língua inglesa sobre as causas da segunda guerra mundial, Annie Lacroix-Riz pôs a nu a cínica cumplicidade dos impérios liberais empenhados em lançar Hitler contra a União Soviética:

“encorajada pelos Estados Unidos, a obstinação da França e da Grã-Bretanha em sua política de “apaziguamento” – em outros termos, de capitulação diante das potências nazistas – arruinou o projeto soviético de “segurança coletiva” dos países ameaçados pelo Reich. Daí os acordos de Munique [...] pelos quais Paris, Londres e Roma permitiram a Berlim anexar imediatamente os Sudetos. Isolado diante de um III Reich que tinha, no momento, “as mãos livres a Leste”, Moscou assinou com Berlim o “pacto de não-agressão”, que o poupou provisoriamente”².

Com efeito, durante os onze meses que seguiram a traição de Munique, os dirigentes soviéticos tinham se empenhado, com o apoio do movimento operário e anti-fascista europeu, em montar o sistema de “segurança coletiva” a que se refere Lacroix-Riz. Mas a opção preferencial dos governos britânico e francês era entrar em acordo com os nazistas. Ambos recorreram aos mais cínicos artifícios para não concluir uma aliança militar defensiva com os soviéticos. Somente em 24 de julho de 1939, quando já se tornara evidente que as pretensões territoriais hitlerianas não tinham se esgotado com as anexações concedidas pelos acordos de Munique (agora o Führer exigia

¹ Sobre a avidez dos poloneses em agarrar sua parte do botim de Munique, ver um dos estudos mais sérios sobre o tema publicados em nosso país: Samuel Salinas, *Antes da tormenta. Origens da segunda guerra mundial, 1918-1939*. Campinas, Editora da Unicamp, 1996, p. 85.

² Annie Lacroix-Riz, “*Le Monde Diplomatique*” maio 2005, pp. 24-25.

da Polônia o corredor de Dantzig), britânicos e franceses decidiram enviar uma missão militar a Moscou. Mas sem pressa nenhuma. Como notou ainda Lacroix-Riz, eles estavam sobretudo preocupados em “acalmar as vozes que, após a anexação alemã da Boêmia-Morávia e a satelização da Eslováquia, pediam uma frente comum com a URSS”. Tendo à frente o almirante inglês Drax e o general francês Doumenc, a missão só deixou Londres em 5 de agosto, a bordo de um lento cargueiro, o City of Exceter, que levou cinco dias para chegar a Leningrado³.

Quando Klement Vorochilov, chefe do Exército Vermelho, propôs a Drax e a Doumenc, em 12 de agosto, o exame concreto dos planos de operação contra o bloco dos Estados agressores, os dois foram obrigados a admitir que não tinham poderes para concluir um acordo. Moscou exigia uma aliança semelhante à de 1914, da qual tinham feito parte a Polônia e a Romênia. Mas estes dois países, que em 1919 integraram o “cordão sanitário” antibolchevique, bem como os Estados bálticos, vitais para a defesa da Rússia, não queriam acordo defensivo nenhum com os soviéticos. Preferiram entender-se com Hitler: entre 23 de março e 7 de junho, a Lituânia, a Estônia, a Letônia bem como a Finlândia assinaram tratados com a Alemanha. Na Polônia, o coronel Josef Beck, voz mais forte do triunvirato que exercia o poder após a morte, em maio de 1935, do marechal Josef Pilsudski, ditador cripto-fascista, guiava-se pelo preceito de seu predecessor: “Com os alemães nos arriscamos a perder nossa liberdade, com os russos, nós perdemos nossa alma”. Para salvar a própria alma e a de seus compatriotas, Beck negou-se terminantemente a conceder direito de passagem ao Exército Vermelho em caso de conflito com a Alemanha nazista. A Romênia, que temia perder a Bessarábia, tomada da Rússia em 1918, com o apoio diplomático da França, estava também sob uma ditadura, mais abertamente fascista e anti-judia do que a polaca, exercida pelo “Conducator” Antonescu, que logo iria se aliar a Hitler.

³ Ver Salinas, op. cit., pp. 101-103.

Os governos de Londres e de Paris alegaram nada poder fazer diante dessas manobras que inviabilizavam na prática a possibilidade de fazer pairar sobre a Alemanha a ameaça de um pacto militar anglo-franco-soviético. A missão militar enviada a Moscou só serviu, pois para ludibriar a opinião anti-fascista favorável ao projeto soviético de “segurança coletiva”. Com frio, mas lúcido realismo, Stalin e a cúpula do PCURSS replicaram à farsa dos dois impérios liberais com uma brusca inversão de sua linha diplomática: em 23 de agosto de 1939 assinaram o pacto nazi-soviético, réplica, nem mais nem menos imoral, mas estrategicamente lógica, ao pacto nazi-liberal de Munique. Ganharam com isso quase dois anos, já que a ofensiva hitleriana contra o país dos soviets só foi lançada em 22 de junho de 1941.

2 – Manuchian: da Armênia a Paris

“Onze anos já! Como passam depressa onze anos!”. Também depressa passaram os quarenta e cinco anos que nos separam da composição de “L’affiche rouge” (“O cartaz vermelho”), um dos mais belos e entranháveis poemas da literatura francesa do século XX. O autor, Louis Aragon, figura entre os melhores escritores de seu país. Só não o reconhecem os reacionários mais empedernidos, que não lhe perdoam um gravíssimo defeito: foi comunista a vida inteira e, pior ainda, membro do “Bureau Politique” do Partido Comunista Francês.

O argumento do poema é uma carta-testamento de outro comunista, o armênio Missak Manuchian, escrita na manhã de 24 de fevereiro de 1944, há sessenta e seis anos atrás durante o curto tempo de vida que lhe restava. Conduzido, junto com vinte e dois camaradas de combate, ao Mont Valérien, onde a Gestapo e seus colaboradores locais fuzilavam os militantes da resistência anti-nazista, Manuchian dirigiu a carta a sua amiga, camarada e mulher, Melinê. Traduzi-a integralmente, até porque mesmo entre os comunistas (salvo os franceses, que conhecem “par coeur” esses versos de Aragon), são poucos os que dela tiveram notícia:

“Minha querida Melinê, minha pequena órfã muito amada:

Daqui a algumas horas, não serei mais deste mundo. Vamos ser fuzilados. Esta tarde às 15 horas. Isso me acontece como um acidente em minha vida, não consigo acreditar, mas sei, entretanto, que não te verei nunca mais. Que posso escrever-te? Tudo está em mim ao mesmo tempo confuso e muito claro. Tinha me engajado no Exército de Libertação como soldado voluntário e morro a dois passos da Vitória e da meta. Felicidade para os que vão nos sobreviver e desfrutar da Liberdade e da Paz de amanhã. Estou seguro de que o povo francês e todos os combatentes da Liberdade saberão honrar dignamente nossa memória. No momento de morrer, proclamo que não tenho ódio algum contra o povo alemão e contra quem quer que seja, cada um terá o que merece como castigo e como recompensa. O povo alemão e todos os outros povos viverão em paz e em fraternidade depois da guerra, que não durará muito tempo mais. Felicidade para todos.

Carrego a mágoa profunda de não te ter feito feliz, eu queria muito ter tido um filho teu, como tu sempre o quiseste. Peço-te, pois que te cases depois da guerra, sem falta, e que tenhas um filho para minha felicidade, e, para cumprir minha última vontade, casa-te com alguém que possa te tornar feliz. Todos os meus bens e todos os assuntos de meu interesse, eu os lego a ti, a tua irmã e a meus sobrinhos. Depois da guerra, poderás fazer valer teu direito à pensão de guerra enquanto minha mulher, porque eu morro soldado regular do exército francês da libertação.

Com a ajuda dos amigos que tiverem vontade de me fazer esta honra, tu farás editar meus poemas e meus escritos



Manuchian

que valham ser lidos. Tu levarás minhas lembranças se possível a meus parentes na Armênia. Morrerei com meus camaradas daqui a pouco com a coragem e a serenidade de um homem que tem a consciência bem tranqüila, porque pessoalmente, nunca fiz mal a ninguém e se o fiz, eu o fiz sem ódio. Hoje brilha o sol. É olhando para o sol e para a bela natureza que amei tanto que direi adeus à vida e a vocês todos, minha muito querida mulher e meus muito queridos amigos. Perdôo a todos aqueles que me fizeram algum mal ou que quiseram me fazer o mal, salvo aquele que nos traiu para salvar a pele e aqueles que nos venderam. Beijo-te muito forte e também tua irmã e todos os amigos que me conhecem de longe ou de perto; eu vos aperto todos bem forte contra meu coração.

Adeus.

Teu amigo, teu camarada, teu marido.

Missak Manuchian”

Pode haver mais admirável expressão da moral comunista? Vale, pois dizer algo sobre aquele que, olhando a morte na cara, despede-se de sua querida invocando, nesta ordem, sua tríplice condição de amigo, de camarada, de marido.

Nascido em 1º de setembro de 1906, numa família de camponeses armênios da aldeia de Adyaman, na Turquia, Missak Manuchian tinha oito anos quando seu pai foi morto por militares turcos em um dos massacres que as autoridades do moribundo império otomano desencadearam contra os armênios, durante a I Grande Guerra. Sua mãe morreu de doença, agravada pela fome que dizimava os sobreviventes do extermínio. Estas atrocidades marcaram Manuchian para a vida toda. Reservado por temperamento, tornou-se ainda mais taciturno. Órfão, foi recolhido por uma

família curda, mais tarde por uma instituição cristã. Em 1925, com 19 anos, chegou à França, onde se abrigaram muitos dos armênios sobreviventes do genocídio cometido pelos turcos. Lá aprendeu o ofício de marceneiro, mas trabalhou no que e onde lhe ofereceram serviço. A paixão pela poesia, que já o levava, aos doze ou treze anos, a compor versos tocantes, animou-o a fundar duas revistas literárias armênias, *Tchank* (Esforço) e *Machagouyt* (Cultura). Procurou saciar a sede de cultura e a vontade de saber e de compreender, freqüentando as “universidades operárias” criadas pelos sindicatos CGT. Em 1934, aderiu ao Partido comunista, integrando o grupo armênio da MOI (Mão de obra imigrada). Em 1937, assumiu a direção do Comitê de socorro à Armênia e a redação de seu jornal, *Zangou* (nome de um rio na Armênia).

Após o colapso militar francês de 1940, Manuchian voltou ao trabalho de operário, assumindo paralelamente a responsabilidade pela seção armênia da rede clandestina da MOI. No final de 1942 e ao longo de 1943, ele participou do combate dos “franc-tireurs partisans français” (F.T.P.F)⁴, a organização nacional de resistência armada ao ocupante nazista, cuja espinha dorsal era constituída pelo Partido comunista francês. Em agosto de 1943, assumiu o comando do destacamento Stalingrado dos F.T.P.F/M.O.I. da região parisiense. Compunham o destacamento oito poloneses, cinco italianos, três húngaros, dois armênios, um espanhol, uma romena e três franceses. Todos eram comunistas. Entre eles, nove judeus. O trabalho de ligação da rede era assegurado por Melinê, a mulher de Manuchian.

Honrando sobremaneira o nome, o destacamento “Stalingrado” travou em Paris uma guerrilha incessante contra os alemães, realizando, em média, uma operação armada um dia sim um dia não: atentados, sabotagens,

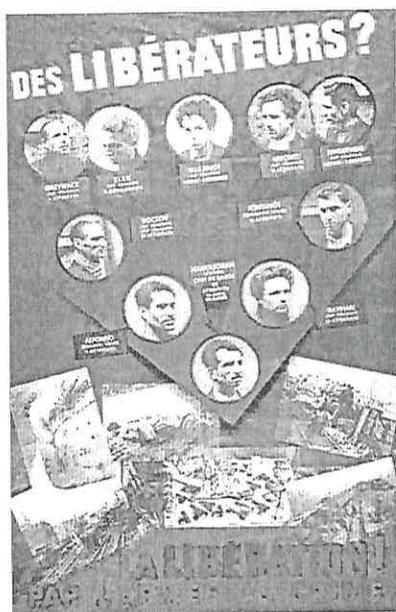
⁴ Misto de ignorância e burrice, a mediática comercial (inclusive a TV Cultura) sistematicamente traduz *partisans* por “partidários”, impingindo ao espectador idiotices do gênero: “os partidários atravessaram o Danúbio”; “os partidários acamparam” “os partidários foram todos mortos” etc.

descarrilamentos de trens, explosão de bombas e dezenas de ataques audaciosos em Levallois, Belleville, Clichy, Saint-Ouen, Montrouge, Issy-les-Moulineaux (na zona suburbana de Paris) e no 16º “arrondissement” da capital. A ação de maior impacto ocorreu em 28 de setembro de 1943, quando executou Julius Ritter, general da S.S., responsável pelo Serviço do Trabalho Obrigatório (S.T.O.) na França.

No dia 16 de novembro de 1943, Manuchian tinha encontro marcado com Joseph Epstein, seu contato político com a direção da Resistência comunista, nas margens do Sena, em Evry. Mas tinha sido seguido desde sua moradia em Paris por policiais franceses à paisana, que o prenderam. Naquele dia e nos dois dias seguintes, uma enorme operação policial levou ao desmantelamento de praticamente todas as unidades de combate F.T.P.F./M.O.I. da região parisiense. Missak Manuchian e os trabalhadores imigrados da Europa oriental e meridional que compunham a rede sob seu comando, foram presos e levados a julgamento.

3 – O cartaz vermelho e o “Dia D”

Os alemães tinham decidido transformar o processo da “rede Manuchian” em peça de propaganda contra a Resistência, apresentando-a como obra de terroristas estrangeiros. Diferentemente do que ocorria nos “interrogatórios” no fundo dos porões da Gestapo, o comando nazista conferiu inusitada publicidade às audiências, transformando o procedimento judicial, que durou três dias, em grande espetáculo. A imprensa foi convidada: cerca de trinta jornais franceses e estrangeiros estavam representados. Os serviços de propaganda alemães enviaram uma equipe de cinema. Estimulando a xenofobia, o anti-semitismo e o anti-comunismo da opinião pública, a rádio e os jornais do governo fantoche pró-nazista instalado em Vichy retomaram o tema do “judeu-bolchevismo, agente do banditismo”. O objetivo, evidente, foi enfatizado pelo presidente da corte marcial: “expor à opinião francesa a que ponto sua pátria está em perigo”.



O cartaz da propaganda nazista: A pergunta irônica no alto do cartaz: “Libertadores?” é respondida em baixo: “A libertação pelo exército do crime”.

Os ocupantes alemães, na verdade, estavam menos preocupados com a pátria francesa do que com a própria. Desmoralizar a Resistência era muito importante para eles, naquele final de 1943, quando Manuchian e seus camaradas caíram-lhes nas mãos. Apavorados com as grandes derrotas de seus exércitos na frente leste, onde a contra-ofensiva soviética já havia virado decisivamente o curso da guerra, os celerados da cruz gamada e seus asseclas procuravam melhorar a imagem no setor oeste, onde só tinham de enfrentar a resistência clandestina. Diferentemente do que imaginam os deslumbrados mais simplórios do Tio Sam, que da II Guerra Mundial conhecem apenas os filmes de Holywood, o desembarque anglo-estadunidense nas costas da Normandia só ocorreu em 6 de junho de 1944 (o alardeado “Dia-D”), um ano e meio depois da gloriosa vitória do Exército Vermelho e do povo soviético contra as hordas hitlerianas em

Stalingrado (1942-1943) e quase um ano depois da batalha de Kursk (julho-agosto de 1943), onde mais de cem divisões alemãs foram aniquiladas no maior combate de tanques da história.

Os jornalistas estadunidenses competentes e honestos não são muitos, mas existem. Um deles, Alexander Cockburn, observou a propósito da “orgia auto-congratatória” suscitada pela comemoração dos sessenta anos do “Dia-D”, que este não passou de uma operação de importância “secundária”. Explica que, naquela orgia, falta “um minúsculo detalhe”: quando os anglo-americanos atravessaram o canal da Mancha, rumo à Normandia, “os soviéticos enfrentavam cerca de 80% dos exércitos alemães na frente oriental”. Mickey Z., de quem tiramos a referência a Cockburn⁵ nota, em comentário intitulado “El Día-D de la desinformación”⁶, que os generais de Hitler sabiam que tinham perdido a guerra, e que sua tarefa era manter o ponto de encontro entre o avanço russo e os exércitos ocidentais o mais longe possível no leste.

Pertinentemente também, Augusto Buonicore lembrou em “A verdade sobre o dia d (ou quem derrotou o nazi-fascismo?)”⁷ que

durante o auge do conflito, a URSS insistiu para que os aliados cumprissem o prometido e abrissem uma segunda frente na Europa, com o objetivo de aliviar a pressão nazista sobre os exércitos soviéticos que resistiam em Stalingrado e outras regiões. Naquele momento, cerca de 3/4 dos exércitos alemães combatiam na frente oriental contra a URSS. [...]. Ocorreu, então, uma vasta campanha internacional contra a inação dos comandos militares aliados que permitiam que um único país arcasse com todo o peso da resistência contra a besta nazi-fascista. [...] Harry Truman,

⁵ Vale a pena consultar seu sítio eletrônico: <http://www.mickeyz.net>.

⁶ A tradução para o espanhol está em <http://www.rebellion.org/imperio/040607diad.htm>.

⁷ A. Buonicore, *Diário Vermelho* (www.vermelho.org.br), 6 de junho de 2004.

futuro presidente dos EUA, havia declarado ao *New York Times* em 24 de julho de 1941 [...]: “Se virmos a Alemanha ganhar, devemos ajudar os russos. Se a Rússia estiver por cima, devemos ajudar os alemães, de modo que eles se matem uns aos outros ao máximo”. Ainda no começo de 1943 o próprio primeiro-ministro inglês Churchill afirmou “que os aliados ocidentais estavam ‘brincando’ com seis divisões alemãs, ao passo que os russos estavam enfrentando 185”. [...] Somente em junho de 1944, quando já estava claro que os exércitos soviéticos poderiam vencer a guerra sozinhos, e já caminhavam triunfantes em direção a Berlim, foi que os exércitos anglo-americanos desembarcaram no norte da França e marcharam rapidamente em direção a Alemanha.

É portanto sobretudo ao Exército Vermelho, ao Partido comunista e ao povo da União Soviética que a humanidade deve a supressão do nazi-fascismo. Evidentemente, merecem respeito todos os que lutaram e caíram, em todas as frentes, por esta causa. Especial respeito e admiração são devidos aos que resistiram nas frentes internas, por trás das linhas do inimigo, nos territórios ocupados pelos hitlerianos. Vale também lembrar, entre tantos outros, o herói comunista tcheco Julius Fucik, responsável pela imprensa clandestina em seu país ocupado, que após ter sido literalmente moído de pancadas por seus algozes, encontrou ânimo para escrever *Reportagem sob a força* antes de ser executado.

Aproveitando a falta de pressa dos anglo-americanos em abrir a frente oeste, a propaganda alemã cobriu as paredes e muros da França com cartazes vermelhos, para simbolizar o sangue dos mortos nos atentados perpetrados pelos “terroristas” do “exército do crime”, a saber, a Resistência armada. Na segunda estrofe de *L’Affiche Rouge* (“o cartaz vermelho”), o grandioso e pungente poema que consagrou a Manuchian e sua rede de *partisans*, Louis Aragon explica o efeito buscado pelos nazistas:

*Vous aviez vos portraits sur les murs de nos villes
Noirs de barbe et de nuit, hirsutes, menaçants.
L'affiche qui semblait une tache de sang
Parce qu'à prononcer vos noms sont difficiles
Y cherchait un effet de peur sur les passants*

Traduzir é preciso. Arrisco enfrentar a sintaxe barroca do estupendo francês de Aragon:

Vossos retratos pendiam nos muros de nossas cidades
Negros de barba e de noite, hirsutos, ameaçadores.
O cartaz que parecia uma mancha de sangue
Porque de pronunciar vossos nomes são difíceis
Aí buscava provocar medo nos transeuntes.

4 – O poema de Aragon

Condenados à morte, os vinte e três *partisans* comunistas da “rede Manuchian” foram fuzilados no Mont Valérien, no final de fevereiro de 1944. As datas oferecidas pelos documentos franceses variam entre 19, 22 e 24 de fevereiro; há também discrepância quanto ao número de fuzilados. Algumas fontes falam em vinte e dois. Aragon, em seu poema, em vinte e três:

*Ils étaient vingt et trois quand les fusils fleurirent
Vingt et trois qui donnaient leur cœur avant le temps
Vingt et trois étrangers et nos frères pourtant
Vingt et trois amoureux de vivre à en mourir
Vingt et trois qui criaient la France en s'abattant.*

(Eram vinte e três quando os fuzis floriram
Vinte e três que davam seus corações antes da hora
Vinte e três estrangeiros e nossos irmãos, no entanto
Vinte e três que amavam a vida a ponto de morrer por ela
Vinte e três que clamavam pela França ao tombar)

Tratados segundo os métodos nazistas, os corpos dos heróis foram lançados na caçamba de um caminhão que os despejou na fossa comum do cemitério de Ivry. Mas pedir ao inimigo um enterro decente era a última de suas preocupações:

*Vous n'avez réclamé la gloire ni les larmes
Ni l'orgue ni la prière aux agonisants
Onze ans déjà, que cela passe vite onze ans
Vous vous étiez servis simplement de vos armes
La mort n'éblouit pas les yeux des Partisans.*

*Não solicitastes a glória nem as lágrimas,
Nem o órgão, nem a oração aos agonizantes.
Onze anos já, como passam depressa onze anos.
Vós vos servistes simplesmente de vossas armas.
A morte não ofusca os olhos dos Partisans*

Supor que a OBAN e os DOI-CODI inventaram os cartazes com fotos de terroristas procurados é pedir demais à capacidade inventiva de esbirros treinados para espancar, dar choque, não para pensar. Os dos nazistas, entretanto, eram feitos com mais inteligência. Os autores do cartaz vermelho esmeraram-se em todos os pormenores. Na parte superior lia-se a pergunta: “Libertadores?” Em baixo, a resposta: “Não, são criminosos”. Espalhadas pelo cartaz, as provas: fotos de esconderijos de armas, de sabotagens, de mortos e de feridos. No centro, dez rostos mal barbeados, enquadrados em medalhões cercados de negro e distribuídos simetricamente. Sob cada um destes retratos, um nome de sonoridade estrangeira, sete deles judeus. Nenhum dos franceses do grupo está presente. Missak Manuchian é qualificado de “chefe do bando”: um criminoso de direito comum.

Quando distribuído em forma de panfletos (os nazistas levavam muito a sério a propaganda), o cartaz vermelho continha no verso o seguinte comentário: “Se há franceses que roubam, sabotam e matam, são sempre

estrangeiros que comandam; são sempre desempregados e criminosos profissionais que executam; são sempre os judeus que os inspiram”. Se o esforço de propaganda dos ocupantes para isolar os guerrilheiros da Rede Manuchian perante a opinião pública francesa podia parecer eficaz durante o dia, uma vez caída a noite, a Resistência oferecia sua própria versão:

*Nul ne semblait vous voir Français de préférence
Les gens allaient sans yeux pour vous le jour durant
Mais à l'heure du couvre-feu des doigts errants
Avaient écrit sous vos photos
MORTS POUR LA FRANCE
Et les mornes matins en étaient différents.*

Ninguém parecia vos considerar franceses por adoção;
Os transeuntes caminhavam sem vos enxergar
durante o dia,
Mas, na hora do toque de recolher, dedos errantes
Tinham escrito sob vossas fotos:
MORTOS PELA FRANÇA
E as mornas manhãs ficaram diferentes.

Ainda em plena guerra, o comandante dos Franc-tireurs partisans (FTP) rendeu, em seca linguagem militar, as devidas homenagens a Manuchian:

COMITE MILITAIRE NATIONAL

Paris, le 5 Septembre 1944

Le Commandant F.T.P. MANOUCHIAN Missak

Il devient rapidement chef de groupe, puis, en tant que combattant immigré, il est promu Commandant F.T.P.F. de tous les groupes immigrés combattant sur la région

parisienne. Il organise et participe à de nombreuses actions contre les envahisseurs allemands et les traîtres à leur solde. Arrêté par la Gestapo, il est fusillé le 24 février 1944. Homme d'une grand bravoure, il a rendu à notre pays d'ineestimable services et a bien mérité de notre Patrie. C'est pour cette raison qu'au début de l'année 1944, il fut nommé Capitaine d'Honneur du Gouvernement d'Alger.

Pour Le Comité Militaire Nationale des F.T.P.F.

Le Commandant Militaire National

Le Colonel BAUDOUIN

Não me parece necessário traduzir. Assinalo apenas que a fórmula “a bien mérité de notre Patrie” é muito honrosa, tanto quanto a promoção post-mortem de Manuchian, pelo governo francês no exílio, a “Capitaine d’Honneur”.

Aragon inseriu em seu poema o essencial da carta de despedida escrita por Manuchian na manhã de seu fuzilamento:

*“Tout avait la couleur uniforme du givre
A la fin février pour vos derniers moments.
Et c'est alors que l'un de vous dit calmement
Bonheur à tous. Bonheur à ceux qui vont survivre. Je
meurs sans haine en moi pour le peuple allemand. Adieu
la peine et le plaisir. Adieu les roses. Adieu la vie, adieu
la lumière et le vent. Marie-toi, sois heureuse et pense à
moi souvent. Toi qui vas demeurer dans la beauté des
choses Quand tout sera fini plus tard en Erivan. Un
grand soleil d'hiver éclaire la colline. Que la nature est
belle et que le coeur me fend. La justice viendra sur nos
pas triomphants. Ma Mélinée, ô mon amour, mon
orpheline. Et je te dis de vivre et d'avoir un enfant”.*

Tudo estava com a cor uniforme da geada
No final de fevereiro para vossos últimos momentos
E foi então que um de vós disse calmamente
Felicidade para todos. Felicidade para os que vão
sobreviver. Morro sem ódio em mim pelo povo alemão.
Adeus ao padecimento, adeus ao prazer. Adeus às rosas.
Adeus à vida, adeus à luz e ao vento. Casa-te, sê feliz e
pensa bastante em mim. Tu que vais permanecer na beleza
das coisas. Quando tudo tiver terminado, mais tarde em
Erevan. Um grande sol de inverno ilumina a colina. Como
a natureza é bela e como o coração me fende. A justiça
virá sobre nossos passos triunfantes. Minha Melinê, meu
amor, minha órfã. E eu te digo para viver e ter um filho.

Posta em versos onze anos depois, em 1955, a carta-testamento-poema em prosa de Manuchian foi musicada em 1961, com outros poemas de Aragon, por Léo Ferre, um dos melhores talentos da canção francesa. Conservei, décadas a fio, às vezes em turbulentas circunstâncias, como uma de minhas melhores riquezas, o álbum original “Les chansons d’Aragon chantées par Léo Ferré”⁸.

5 – Neruda e Lorca: coração alado, cascata cristalina

Ao nascer, há cento e cinco anos, em 12 de julho de 1904, na cidadezinha de Parral, sul do Chile, recebeu um nome barroco: Neftalí Ricardo Reyes Basoalto. As tristezas da vida não esperaram para golpeá-lo. Era ainda um recém-nascido quando morreu-lhe a mãe. Seu pai, um ferroviário, tornou a casar-se e se fixou em Temuco, por onde passa, como por Parral, a estrada de ferro que, de Santiago, dirige-se para o sul. Lá seguiu os primeiros estudos. Em 1917, publicou, no jornal *La Mañana*, de Temuco, seu primeiro artigo “Entusiasmo y perseverancia”. Em 1918, com quatorze anos, seu poema “Mis ojos” saiu numa revista literária de

⁸ No Youtube poderão ouvir Léo Ferré cantando “L’affiche rouge”.

Santiago, *Corre-Vuela*. O artesanato da palavra já tinha então se tornado a vocação de sua vida: durante os anos seguintes, seus versos compareceram em várias revistas e jornais em que se expressava a inteligência chilena. Seus primeiros textos estavam assinados Neftalí Reyes. Mas, desde 1920, adotou o pseudônimo com que se tornou mundialmente célebre: Pablo Neruda.

Tinha sabido reconhecer a magia da palavra desde o momento em que aprendera a falar e adquirido, com fantástica precocidade, aquele domínio da expressão em que se sublima a matéria poética. Mas se desde sempre, ou quase, vivera para a poesia, não dispunha ainda dos meios para viver da poesia. Em 1921, fixou-se em Santiago para completar os estudos pedagógicos para professor de francês. Em 1923-1924, entretanto, já tinha composto alguns de seus mais belos e pungentes poemas, em que cantava, tanto quanto a paixão amorosa e o ardor do desejo, a emoção do encontro e a melancolia do desencontro. Publicados sob o título célebre “Vinte poemas de amor e uma canção desesperada”, eles foram lidos no original ou em traduções, pelo mundo todo, ou quase. Os tão conhecidos versos que abrem o vigésimo poema figuram, pela simplicidade das palavras e pela intensidade do sentimento, entre os mais tocantes da coletânea:

“Posso escrever os versos mais tristes esta noite,
Escrever, por exemplo, a noite está estrelada e tiritam,
azuis, os astros bem ao longe”

O governo chileno da época teve a boa inspiração de lhe abrir a carreira diplomática. Nomeado cônsul em Rangum, partiu para a Birmânia em junho de 1927. A longa viagem começou pela travessia dos Andes: foi até Buenos Aires para embarcar no navio que o levou à Europa. As grandes rotas oceânicas obedecem às linhas de comunicação fixadas pelo colonialismo: para ir do sul da América ao sul da Ásia cumpria antes subir ao continente europeu. É certo, porém que visitar Madri, Paris e Marselha (onde tomou o navio para a Birmânia) não chega a ser um castigo...

Foi depois nomeado cônsul em Colombo, Ceilão. Em 1929, assistiu ao Congresso Pan-hindu em Calcutá. Enviaram-no em seguida a Batavia (Java), depois a Singapura, de onde, em 1932, retornou ao Chile. Nomeado cônsul em Buenos Aires, no ano seguinte, conheceu Federico Garcia Lorca, que para lá viera em outubro de 1933, afim de montar suas peças. Os destinos dos dois maravilhosos poetas de língua espanhola do século XX logo se cruzaram. O enorme sucesso alcançando por Lorca na Argentina valeu-lhe tornar-se o poeta espanhol mais conhecido no continente americano. Neruda se tornaria, com o entusiástico apoio de Lorca, o poeta americano mais conhecido no continente europeu. No ano seguinte, com efeito, se reencontraram na Espanha, para onde Lorca voltara em abril de 1934 e aonde também foi Neruda, nomeado cônsul em Barcelona e, em seguida em Madri, onde, ao lado de Lorca, participou intensamente do movimento cultural de um povo então animado do mais pujante entusiasmo revolucionário.

Em *Confieso que he vivido* (a estupenda auto-biografia editada por sua mulher, Matilde, e por Miguel Otero Silva), antes de se referir aos trágicos desdobramentos do golpe de Estado militar-fascista, Neruda evoca o primeiro e já intenso encontro com Lorca no ano de 1933 em Buenos Aires, narrando um risonho, galante e cômico episódio em que os dois lá se envolveram. Traduzo-o com poucos cortes:

“Recordo que uma vez recebi de Federico um apoio inesperado numa aventura erótico-cósmica. Tínhamos sido convidados uma noite por um desses milionários que só a Argentina ou os Estados Unidos podiam produzir. Tratava-se de um homem rebelde e autodidata que tinha feito uma fortuna fabulosa com um jornal sensacionalista. Sua casa, rodeada por um imenso parque, era a encarnação dos sonhos de um vibrante novo rico. Centenas de jaulas de faisões de todas as cores e de todos os países delineavam o caminho. A biblioteca estava coberta apenas de livros antiqüíssimos que ele

comprava por telégrafo nos leilões de bibliógrafos europeus⁹; além disso era extensa e estava repleta. Mas o mais espetacular era que o piso desta enorme sala de leitura estava totalmente revestido de peles costuradas uma na outra até formar um só e gigantesco tapete.[...] Assim eram as coisas na casa do famoso Natalio Botana, capitalista poderoso, dominador da opinião pública em Buenos Aires. Frederico e eu nos sentamos à mesa perto do dono da casa e diante de uma poetisa alta, loura e vaporosa, que dirigiu seus olhos verdes mais a mim do que a Frederico durante a refeição. [...] Levantamos depois de comer, junto com a poetisa e com Frederico, que tudo celebrava e ria a propósito de tudo. Afastamo-nos em direção da piscina iluminada. Garcia Lorca ia na frente e não parava de rir e de falar. Estava feliz. Era esse seu costume. A felicidade era sua pele. Dominando a piscina luminosa se levantava uma alta torre. Sua brancura de cal fosforescia sob as luzes noturnas. Subimos lentamente até o mirante mais alto da torre. Em cima, os três, poetas de diferentes estilos, ficamos separados do mundo. O olho azul da piscina brilhava lá embaixo. Mais longe ouviam-se as guitarras e as canções da festa. A noite, acima de nós todos, estava tão próxima e estrelada que parecia colher nossas cabeças, submergi-las em sua profundidade. Tomei em meus braços a garota e ao beijá-la, dei-me conta de que era uma mulher carnal e compacta, completa e esbelta. Diante de Frederico surpreso nos estendemos no chão do mirante. E eu já começava a tirar-lhe a roupa, quando percebi em cima e pertinho de nós os olhos desmesurados de Frederico que nos olhava sem atrever-se a acreditar no que estava ocorrendo. – Fora daqui! Vai-te e cuida para que ninguém suba pela escada! gritei-lhe. Enquanto no alto da torre se consumava o sacrifício ao céu estrelado e à Afrodite noturna, Frederico correu alegremente para cumprir sua missão de

⁹O milionário Mindlin, tão incensado pelos bajuladores por sua riquíssima biblioteca de caríssimas raridades, não inventou nada.

alcoviteiro e sentinela¹⁰, mas com tal afobação e tanto azar que rolou escada abaixo.[...]”

Uma amiga que me deu o prazer de ler com atenção uma versão preliminar desse texto, informou-me, a propósito de minha tradução de “su misión de celestino y centinela” por “sua missão de alcoviteiro e sentinela”, que numa tradução anterior para o português de *Confieso que he vivido*, publicada em 1977, consta: “sua missão celestial e de sentinela”. O termo português *celestial* pode se dizer em espanhol *celeste* ou *celestial*. *Celestino, a* é alcoviteiro, a, proxeneta, cafetão, gigolô, marafona etc. Superada apenas pelo *Quixote* em grandeza literária, mas precedendo-o de cem anos (composta no final do século XV e publicada em 1499-1500), *La Celestina* conta a história de uma alcoviteira. Tradutor é mal pago entre nós, mas alguns sequer merecem a pouca paga que recebem. Não entendendo o que lêem, escrevem o que não sabem. Às vezes, agridem o bom senso: afinal, que sentido teria classificar de “celestial” a tarefa assumida por Lorca, de impedir que a bela poetisa e o amigo chileno fossem inconvenientemente interrompidos em seu íntimo enlace? No céu não há nem se faz sexo... Num velho dicionário português de Portugal encontrei os seguintes significados (mantenho a ortografia): *Celestino*= *Que tem a côr do céu*”; *Celestina*= *Planta corymbifera, de bellas flores azuis. Variedade azul de sulfato de estrôncio*. (Lorca, porém, gostava mais do verde do que do azul). Segundo o *Novo Aurélio*, *Celestino*=*De cor azul-celeste*; já *Celestina* compreende duas espécies de planta ornamental e, o que aqui mais nos interessa, significa também alcoviteira. Que a palavra, neste sentido pecaminoso, só se use no feminino não passa de um machismo semântico. Neruda, ao aplicá-lo ao amigo, rompeu com esta hipócrita discriminação...

Irmanados em seu tenaz anti-comunismo, liberais e fascistas de vários matizes têm tentado, com métodos de Rede Globo, ocultar o firme

¹⁰ Não consegui preservar em português a assonância do original: celestino y centinela.

compromisso de Lorca com o combate anti-fascista e a Frente Popular. Reforçam a tese dos carrascos franquistas de que o imenso poeta era “apolítico” e foi morto por engano ou vingança pessoal. Os fachos (como dizem nossos camaradas lusos) mentem com muito cinismo! Lorca era membro da Sociedade Amigos da União Soviética e do Socorro Vermelho Internacional. Para nós, brasileiros, é especialmente comovedora sua participação em atos públicos de solidariedade a Luís Carlos Prestes, cuja prisão, pela polícia do nazistoide Filinto Muller, comovera a opinião anti-imperialista e anti-fascista internacional.

Em julho, os dias e, sobretudo os entardeceres, são longos na Espanha. Por isso, brasileiros e outros latino-americanos que por lá andam pela primeira vez, costumam espantar-se ao ler anúncios de programas para “las 9 de la tarde”. Num fim de tarde destes, que sem dúvida se estendeu noite adentro, dia 11 de julho de 1936, Lorca participou de um jantar oferecido por Pablo Neruda, então cônsul do Chile em Madri. Entre os convidados era intensa a preocupação perante os sinais inequívocos do golpe militar-fascista em preparação. O deputado socialista Diez Pastor insistiu com Frederico, que repetia “– Me voy a Granada”: “– Quédate aquí. Em ningún sitio estarás más seguro que en Madrid”. Até o escritor falangista Augustín de Foxá lhe deu o mesmo conselho: “Si tu quieres marcharte, no vayas a Granada, sino a Biarritz”. Ao que Frederico replicou: “E qué haría yo en Biarritz? En Granada, trabajo”.

No dia 19 de julho de 1936, Neruda tinha marcado encontro com Lorca para juntos irem a um espetáculo de vale-tudo num circo de Madri. Sabiam que aquilo seria uma marmelada, como dizemos por aqui, mas por que não passar uns momentos assistindo aos embates do Troglodita Mascarado, do Estrangulador Abissínio e do Orangotango Sinistro? “Frederico faltou ao encontro. Já ia a caminho de sua morte. Já nunca mais nos vimos. Seu encontro era com outros estranguladores. E, desse modo, a guerra da Espanha, que mudou minha poesia, começou para mim com o desaparecimento de um poeta. Que poeta! Nunca vi reunidos, como nele, a graça e o gênio, o coração alado e a cascata cristalina”.

Lorca voltou a Granada para ser covardemente assassinado pelas ratazanas fardadas da contra-revolução fascista, bêbadas de sangue, secundadas pela ralé dos beleguins locais. Enviaram o maior poeta do povo espanhol ao imenso matadouro de homens livres em que estavam transformando a Espanha. “Muerto cayó Federico; el crimen fué en Granada “ diz Neruda num dos primeiros poemas de *España en el corazón*, impresso em 1938, com meios artesanais, sob os bombardeios da Luftwaffe, em plena frente este, perto de Gerona. Foi logo traduzido para o francês, com prefácio de Louis Aragon.

No tópico “El crimen fué en Granada” de *Confieso que he vivido*, além do desencontro sem possível reencontro daquela noite em que Lorca não foi ao Grande Circo Price de Madri assistir ao espetáculo de *catch-as-can*, Neruda evoca o “pré-conhecimento” que ele teve de sua própria morte, “história terrível” que “ainda transido de horror”, ele lhe contara, três meses antes da guerra civil, voltando de um giro teatral, durante o qual tinha acampado, junto com os atores, numa longínqua aldeia de Castela. A viagem o deixara tenso. Não tendo conseguido dormir, logo que despontaram as luzes do dia saiu dar uma volta pelos arredores:

“Fazia frio, esse frio de punhal que Castela deixa reservado para o viajante, o intruso. A névoa se desprendia e envolvia tudo em sua dimensão fantasmagórica. Uma grande cerca de ferro oxidado. Estátuas e colunas rompidas, caídas entre a folhagem morta. (Lorca) deteve-se na porta de um velho domínio. Era a entrada de um extenso parque de uma fazenda feudal. O abandono, a hora e o frio tornavam a solidão ainda mais penetrante. [...] Um cordeiro bem pequeno veio pastar as ervas entre as ruínas e sua aparição era como um pequeno anjo de névoa que humanizava de imediato a solidão da paragem. O poeta sentiu-se acompanhado. Logo uma vara de porcos entrou também no recinto. Eram quatro ou cinco bestas escuras, porcos negros semi-selvagens com fome brutal e cascos de pedra. Frederico presenciou então uma cena de espanto. Os porcos se lançaram sobre o cordeiro e, diante do

poeta horrorizado, o despedaçaram e devoraram. Esta cena de sangue e solidão fez Frederico ordenar a seu teatro ambulante continuar imediatamente o caminho”.

6 – Por que me tornei comunista

Que fazer, senão lutar contra os assassinos? Neruda engajou-se a fundo no combate em defesa da República. Ninguém passa por tão tremenda experiência sem receber marcas profundas, cicatrizes da alma, quando não do corpo. Os mais lúcidos e valorosos, entretanto, que mantêm abertos os olhos e o coração, se engrandecem em força de caráter no insubstituível aprendizado da fraternidade de combate. Foi este aprendizado que o conduziu ao comunismo. “Embora tenha recebido minha carta de militante muitos anos mais tarde no Chile, quando ingressei oficialmente no partido, creio ter-me definido ante mim mesmo como um comunista durante a guerra da Espanha”. Toda afirmação é determinação, portanto negação. Ele logo nos explica o que negou para se afirmar comunista:

“Meu contraditório companheiro, o poeta nietzscheano León Felipe”, diz Neruda, “era um homem encantador”. Mas, em plena guerra civil, identificou-se à propaganda da Federação Anarquista Ibérica (FAI), em cujas frentes de atuação “lia seus poemas iconoclastas” e expunha seus pensamentos, que “refletiam uma ideologia vagamente ácrata, anti-clerical, com invocações e blasfêmias”. Reconheça-se que neste assunto os anarquistas, de fato, chocavam os papa-óstias: “Yo me cago en la leche de la Virgen” era uma de suas blasfêmias rotineiras. Infelizmente, esta contundência verbal era um exibicionismo entre outros, mais perigosos. Enquanto a batalha perdura e a vitória permanece incerta, a única certeza é o entrechoque das armas. Na linha de fogo, bravatas dos valentões de retaguarda só atrapalham.

Neruda os descreve sem complacência: “Com suas longas melenas e barbas, colares e pulseiras de balas, protagonizavam o carnaval agônico da Espanha. Vi vários deles calçando sapatos emblemáticos, metade de couro

vermelho e a outra de couro negro, cuja confecção devia ter custado muitíssimo trabalho aos sapateiros. E não se creia que eram uma farândula inofensiva. Cada um levava facas, pistolões descomunais, rifles e carabinas. Em geral, postavam-se nas portas principais dos edifícios, em grupos que fumavam e cuspiam, fazendo ostentação de seu armamento. Sua principal preocupação era cobrar os aluguéis dos aterrorizados inquilinos”.

Uma noite, Neruda encontrou-se com León Felipe num café situado na esquina de sua casa. O poeta anarco-nietzscheano teve a infelicidade de esbarrar num de seus irritadiços (“quisquillosos”) correligionários. “Não sei se a postura de fidalgo antigo de León Felipe molestou aquele “herói” da retaguarda, mas o certo é que fomos detidos poucos passos adiante por um grupo de anarquistas, encabeçados pelo ofendido do café”. Após verificação dos documentos de ambos, arrastaram León Felipe para um paredão próximo “cujos estampidos noturnos muitas vezes não me deixavam dormir”. Neruda explicou o que estava ocorrendo a alguns milicianos que estavam voltando do front e, graças a eles, conseguiu libertar o amigo.

“Essa atmosfera de transtorno ideológico e de destruição gratuita me deu muito que pensar. Soube das façanhas de um anarquista austríaco, velho e míope, de longas melenas louras, que se tinha especializado em dar “passeios”. Tinha formado uma brigada que batizou “Amanhecer” porque atuava ao sair o sol:-Nunca sentiu alguma dor de cabeça?, perguntava à vítima. – Sim, claro, alguma vez. – Pois vou dar-lhe um bom analgésico. E disparava um balaço na cabeça do interlocutor. [...] Enquanto estes bandos pululavam pela noite cega de Madri, os comunistas eram a única força organizada que criava um exército para enfrentar os italianos, os alemães, os mouros e os falangistas. E eram, ao mesmo tempo, a força moral que mantinha a resistência e a luta anti-fascista”.

A guerra civil espanhola marcou o rumo definitivo da vida e da poesia de Neruda: “A mí me hizo la vida recorrer los más lejanos sitios del mundo

antes de chegar ao que debí ser mi punto de partida: España”. Num artigo que circulou algum tempo pela Internet, Raul de Mattos Paixão Junior reuniu alguns versos em prosa que registram a influência da tragédia espanhola sobre o poeta:

Bandidos con aviones y con moros, bandidos con sortijas y duquesas, bandidos con frailes negros bendiciendo venían por el cielo a matar niños y por las calles la sangre de los niños corria simplemente, como sangre de niños[...]. Venid a ver la sangre por las calles. Preguntaréis: por qué su poesia no nos habla del suelo, de las hojas, de los volcanes de su país natal? Venid a ver la sangre por las calles, venid a ver la sangre por las calles, venid a ver la sangre por las calles!

Yo conocí a Bolívar una mañana larga, en Madrid en la boca del Quinto Regimiento, Padre, le dije, eres o no eres o quién eres? Y mirando al Cuartel de la Montaña, dijo “Despierto cada cien años cuando despierta el pueblo”. [...] Por eso es hoy la ronda de manos junto a ti. Junto a mi mano hay otra y hay otra junto a ella, y otra más, hasta el fondo del continente oscuro. Y otra mano que tú no conociste entonces, viene también, Bolívar, a estrechar a la tuya de Teruel, de Madrid, del Jarama, del Ebro, de la cárcel, del aire, de los muertos de España¹¹.

Engajado a fundo na defesa da causa republicana, Neruda incomodava muito a diplomacia e o governo chilenos, sabujos dos impérios liberais. Os anti-comunistas de todos os matizes (muitos dos quais camuflam-se atrás da condenação do “stalinismo”) escondem que a União Soviética foi o único Estado que ousou ajudar militarmente o governo legítimo da República. (O México inscreveu-se entre os pouquíssimos que o apoiaram

¹¹ O artigo foi publicado no Suplemento Cultural do *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, Ano XVIII, Julho de 2004.

diplomaticamente). Vale lembrar que sem Hitler, o general Francisco Franco, grande açougueiro de humanos, muito dificilmente teria conseguido, talvez só tarde demais para evitar a completa derrota da sublevação clérigo-fascista, transportar para o território espanhol suas tropas coloniais (legionários e contingentes marroquinos recrutados nas camadas mais atrasadas das regiões sob “protetorado” espanhol), que se encontravam concentradas no Marrocos. Mercenários aguerridos, sedentos de pilhagem, bem treinados e equipados, os *moros* de Franco precisavam, para retomar a ofensiva (em Madri e Barcelona, a resistência anti-fascista derrotara o golpe e executara sumariamente os generais que pretendiam assassinar a República num mar de sangue), fazer junção na Andaluzia com as tropas de outro chefe golpista, Queipo de Llano. O problema era atravessar o estreito de Gibraltar. A maioria dos navios de guerra espanhóis, graças à vigilância democrática dos marinheiros e dos suboficiais, permanecera com a República, bem como boa parte da Força Aérea (a única arma onde os oficiais, em sua maioria, recusaram-se a participar do golpe). Nessa hora difícil, os companheiros Adolfo (Hitler) e Benito (Mussolini) tiraram o amigo Francisco (Franco) do impasse. Em 29 de julho de 1936, menos de duas semanas depois de desfechado o golpe, a Luftwaffe pôs em funcionamento uma ponte aérea entre Tetuã (Marrocos) e os aeroportos andaluzes de Sevilha e de Jerez. Em dois meses, numa ofensiva fulminante acompanhada das piores atrocidades contra os defensores da República (em Badajoz correram literalmente rios de sangue; em Toledo, mais “higiênicos”, os fascistas realizaram suas rotineiras execuções em massa à beira da fossa comum), as tropas coloniais de Franco chegaram às portas de Madri. Lá foram detidas, entretanto, pelos operários e estudantes do glorioso 5º Regimento de Milicianos, organizado e comandado pelo herói comunista Enrique Lister.

Neruda não tardou em ser destituído de suas funções consulares. Foi para Paris, onde participou ativamente do movimento de solidariedade anti-fascista e conheceu “os dois melhores homens” da literatura francesa, Paul Éluard e Louis Aragon. Fez uma conferência sobre Lorca, editou, de parceria com Nancy Cunard (uma aristocrata inglesa que escandalizara os

bem-pensantes de seu hipócrita país ao fugir com um jazzista negro importado pelo hotel Savoy de Londres e, mais tarde, tornara-se namorada de Aragon), a revista *Los Poetas del Mundo Defienden al Pueblo Español*. Ao longo de 1937, junto com Aragon, organizou um congresso de escritores anti-fascistas do mundo inteiro, a ser celebrado em Madri, sob as bombas dos fascistas e, junto com César Vallejo¹², criou o Grupo Hispanoamericano de Ajuda à Espanha.

Voltou ao Chile em outubro daquele ano, engajando-se, em 1938, na Frente popular chilena, que ganhou a eleição presidencial. Nomeado, em 1939, cônsul especial em Paris para a emigração anti-fascista espanhola, conseguiu obter o estatuto de refugiado para os muitos exilados que, a bordo do navio Winnipeg, chegaram ao Chile no fim do ano, poucos dias antes de seu próprio retorno, em 2 de janeiro de 1940.

7 – Alturas de Machu Picchu

Naquele início dos anos quarenta Neruda lançou-se na composição de um grande poema épico e lírico que celebrava a grandeza e o sofrimento anônimo da humanidade. Intitulou-o primeiro *Canto General de Chile*. Mais tarde, ampliando-lhe o escopo, *Canto General*, simplesmente. Cônsul-geral em Ciudad de México, onde chegou em agosto de 1940, ele visitou também Cuba e os Estados-Unidos. Em setembro de 1942, ele deu a conhecer, em leitura pública em Ciudad de México, de seu “Canto de amor a Stalingrado”. O poema logo circulou, em cartazes, por toda a cidade. Em

¹² Desse imenso escritor peruano, tenho aqui de limitar-me a reproduzir um poema de 1937, também sobre a linha de fogo, escolhido por Francisco Quartim de Moraes:

MASA

Al fin de la batalla,
y muerto el combatiente, vino hacia él un hombre
y le dijo: “No mueras, te amo tanto!”
Pero el cadáver ¡ay! siguió muriendo.

1943, o “Novo canto de amor a Stalingrado” celebrou a vitória heróica que mudou o curso da guerra mundial. No início de setembro de 1943, ele deixou o cargo consular no México. No caminho de volta, parou em vários lugares. No Peru, fez a obrigatória viagem a Cuzco e dali, como dirá em *Alturas de Machu Picchu*, um dos mais comoventes poemas reunidos no *Canto General*, empreendeu a perenegrinação à cidadela quechua:

subi pela escada da terra
por entre o atroz enredamento das florestas perdidas
até ti, Machu Picchu.
Pedra na pedra, o homem, onde esteve?
Ar no ar, o homem, onde esteve?
Tempo no tempo, o homem, onde esteve?
Foste também o pequeno pedaço rompido
do homem inacabado, da águia oca,
que pelas ruas de hoje, que pela terra batida,
que pela folhas do outono morto,
vai esmagando a alma até a tumba?
A pobre mão, o pé, a pobre vida...
[...]
Fome, coral do homem
Fome, planta secreta, raiz dos lenhadores,
Fome,
até estas altas torres desprendidas?

Nessa cidadela sublime, prodigiosamente pendurada na Cordilheira dos Andes, protegida dos curiosos, durante séculos, por uma cadeia de

Se le acercaron dos y repitiéronle:

“No nos dejes! ¡Valor! ¡Vuelve a la vida!”

Pero el cadáver ¡ay! siguió muriendo.

Acudieron a él veinte, cien, mil, quinientos mil,

clamando: “Tánto amor, y no poder nada contra la muerte!”

Pero el cadáver ¡ay! siguió muriendo.

montanhas tão altas e compactas que dão vertigem, sem esconder do olhar, lá em baixo, as já amazônicas ravinas em cujo fundo corre o Urubamba, rio sagrado dos quechuas, ele discerniu, aquém das rochas monumentais domadas por uma portentosa arquitetura, o sofrimento emudecido da multidão anônima dos artesãos da pedra:

Sube a nacer conmigo, hermano. Dame la mano desde la profunda zona de tu dolor diseminado. No volverás del fondo de las rocas. No volverás del tiempo subterráneo. No volverá tu voz endurecida. No volverán tus ojos taladrados. Yo vengo a hablar por vuestra boca muerta. [...] Dadme el silencio, el agua, la esperanza. Dadme la lucha, el hierro, los volcanes. Apegadme los cuerpos como imanes. Acudid a mis venas y a mi boca. Hablad por mis palabras y mi sangre.

Eleito senador em 4 de março de 1945, ele se inscreveu no Partido Comunista do Chile no dia 30 de maio seguinte. Em 15 de julho, participou no estádio do Pacaembu da grande manifestação onde cerca de cem mil pessoas vieram comemorar a libertação de Luís Carlos Prestes, também eleito senador pouco depois. Mas os dois senadores, o poeta universal e o legendário comandante guerrilheiro, tiveram seus mandatos confiscados. Dois anos depois, com efeito, o presidente imperial Truman, que já tinha oferecido ao mundo estupefacto o espetáculo de cerca de duzentos mil corpos instantaneamente fulminados por cogumelos radioativos, um em Hiroshima, outro em Nagasaki, desencadeou a “guerra fria”, exigindo que, em toda a zona de influência do “Ocidente”, os comunistas fossem postos fora da lei.

Le rodearon millones de individuos,
con un ruego común: “¡Quédate hermano!”
Pero el cadáver ¡ay! siguió muriendo.

Entonces, todos los hombres de la tierra
le rodearon; les vio el cadáver triste, emocionado;
incorporóse lentamente,
abrazó al primer hombre; echóse a andar...

Os Congressos e as “Justiças” de seus países respectivos cumpriram sem tardar essas ordens superiores. Neruda denunciou a histórica cruzada em sua “Carta íntima para milhões de homens”. Parlamentares raivosos, precursores do machartysmo, replicaram cassando seu mandato em 5 de fevereiro de 1948. Logo a seguir, togados meretríssimos decretaram sua prisão. Permaneceu clandestino cerca de um ano no Chile, depois exilou-se até agosto de 1952, quando a ordem de prisão foi revogada.



Neruda ao lado de Allende, que foi visitá-lo em sua casa na Isla Negra em 1973, último ano de suas vidas.

O último ato de sua vida confunde-se com a grande tragédia histórica do povo chileno. Em 3 de setembro de 1969, foi designado pré-candidato à presidência pelo Partido Comunista, mas dela desistiu ao se criarem condições para lançamento de um candidato único da esquerda, o socialista Salvador Allende. Durante os dois primeiros anos do governo de Allende, marcados por intensas lutas sociais pela aplicação do programa de transição ao socialismo da Unidade Popular, Neruda, nomeado embaixador do Chile na França, investiu seu imenso prestígio internacional na propaganda da luta revolucionária de seu povo. Em 5 de fevereiro de 1973, renunciou ao cargo de embaixador e fixou-se no Chile, onde a contra-revolução, abertamente apoiada pelo governo Nixon, nomeadamente pelo genocida H. Kissinger, já estava jogando a fundo a carta da desestabilização e do putsch militar. Em 18 de fevereiro publicou o “Apelo ao nixoncídio e

elogio da revolução chilena”, vendido nas ruas de Santiago. Desgraçadamente, foi Allende e não o sórdido presidente dos Estados Unidos, quem tombou em de 11 setembro, no Palácio da Presidência, sob as bombas dos generais golpistas. Doze dias depois, em 23 de setembro de 1973, foi Neruda quem morreu, de tristeza ao ver a pátria cair sob as botas de Pinochet. Desafiando o terror militar fascista, os amigos que lhe prestaram a homenagem fúnebre improvisaram, à guisa de discurso, este verso muito simples:

Se siente, se siente, Neruda está presente!

8 – Miguel Hernández e Rosario Dinamitera, cuja mão se fez estrela

Lorca não foi o único grande poeta assassinado pela contra-revolução fascista na Espanha. Neruda evoca com igual emoção a memória do jovem Miguel Hernández, que “de pastor de cabras se havia transformado em verbo militante” e recitava seus versos na primeira linha de fogo. Conheceu-o, junto com outros amigos de Lorca, em 1934, ao chegar em Madri. Era “tão camponês que carregava uma aura de terra em torno dele”. “Contava-me contos terrestres de animais e pássaros. Era um escritor saído da natureza como uma pedra intacta, com virgindade selvática e arrebatadora força vital”.

Miguel Hernández lutou até o fim. Quando, finalmente, se impôs de vez a esmagadora superioridade mecânica e logística dos fascistas, ele pediu asilo na Embaixada chilena, na qual tinham se abrigado, durante os dois anos e meio em que Madri foi o heróico bastião da República, nada menos do que quatro mil franquistas. O embaixador Carlos Morla Lynch, no entanto, “negou asilo ao grande poeta, embora se dizendo seu amigo”. Logo em seguida Miguel foi preso e encarcerado. “Morreu de tuberculose no calabouço, três anos mais tarde. O rouxinol não suportou o cativeiro”. Deixou poemas entranhados, dentre eles o que consagrou a Rosario Sánchez

Mora, que ele celebrizou pelo epíteto La Dinamitera. Nascida em Villarejo de Salvanés em 21 de abril de 1919, Rosario viera para Madri em 1935, com dezesseis anos. Vivia com vizinhos de sua pequena cidade natal, que a tinham trazido para que cuidasse de seus filhos. Para uma garota pobre era a maneira possível de viver na capital. Simpatizante comunista, no sábado 18 de julho de 1936, quando já se confirmavam notícias do êxito parcial da sedição militar fascista iniciada na véspera no “protetorado” espanhol do Marrocos, alistou-se no corpo de voluntários que a Juventud Socialista Unificada (formada em março de 1936, pela fusão da juventudes comunista e socialista), estava mobilizando para resistir ao golpe. Em Madri, em Barcelona, em Bilbao, os golpistas tinham sido derrotados. No domingo 19 de julho de 1936, o general golpista Fanjul ocupou o Cuartel de la Montaña, situada numa elevação na entrada de Madri. Alguns corpos armados que permaneceram fiéis à República (Guardia Civil, Guardias de Asalto, parte da Aeronáutica), apoiados por operários e estudantes empunhando as armas distribuídas pelo governo da Frente Popular, cercaram o quartel, que foi tomado após um dia e meio de combate.

Rosario não participou do cerco e tomada do Cuartel de la Montaña. Na madrugada do dia 19, tinha partido para Somosierra, na sierra de Guadarrama, 93 km. ao norte de Madri, numa coluna de caminhões repleta de jovens voluntários, dispostos a barrar o caminho à contra-revolução. Naquele momento o perigo maior vinha do norte. O general Mola, comandante em chefe da sedição fascista (morreria em acidente, deixando o comando ao general Franco), tomara Burgos e dali desfechava uma ofensiva em direção a Madri. Cumprira detê-lo nas alturas de Guadarrama. Logo que chegaram, Rosario e seus companheiros foram enquadrados, com um mosquetão de sete quilos e sem outra instrução militar além da que foram assimilando em pleno tiroteio, numa tropa de choque comandada pelo comunista Valentín González, celebrizado pelo cognome El Campesino. Na Peña del Alemán, posição avançada que os fascistas se empenhavam em conquistar, Rosario viu morrerem muitos dos garotos com quem tinha vindo

de Madri. Mas após duas semanas de duros combates, os inimigos foram contidos e o front se estabilizou.

Rosario foi então destacada para a secção de dinamiteiros, comandada por um mineiro asturiano, o capitão Emilio González González, especialista no manejo de explosivos. A base do grupo estava entre as cidadezinhas de Buitrago e Gascones, cerca de cinco quilômetros da linha de fogo. Na manhã de 15 de setembro, ela e seus companheiros aprendiam a manejar cartuchos de dinamite. Tinha chovido durante a noite e o pavio que Rosario acendeu estava úmido, queimando por dentro, mas sem fazer, por fora, aquele calor que anuncia o instante do arremesso. O cartucho lhe estourou na mão, destruindo-a. Gravemente ferida, foi operada no hospital de sangue mais próximo, onde lhe salvaram a vida.

Assim que lhe deram alta, voltou a se integrar na unidade de choque de El Campesino, que se tornara a 10ª Brigada Mixta, com mais de três mil combatentes, aquartelados em Alcalá de Henares. Recibida com honras de heroína, Rosario foi destinada ao Comitê de Agitação e Propaganda. Acompanhou o deslocamento para Madri do Estado Maior de El Campesino e lá travou amizade com o jovem poeta sevilhano Antonio Aparicio. Este um dia veio visitá-la acompanhado de outro poeta e amigo por quem professava veneração e que não era outro senão Miguel Hernández. O “pastor de cabras transformado em verbo militante” entregou a Rosario o pequeno poema que lhe tinham inspirado suas façanhas e o acidente que, como dirão seus versos, transformou em estrela a mão direita da jovem miliciana:

Rosario, dinamitera
Rosario, dinamitera,
sobre tu mano bonita
celaba la dinamita
sus atributos de fiera.

Nadie al mirarla creyera
que había en su corazón
una desesperación,
de cristales, de metralla

Rosário, dinamiteira,
Rosário, dinamiteira,
sobre tua mão bonita
encobria a dinamite
seus atributos de fera.

Ninguém ao vê-la acharia
que havia em seu coração
uma desesperação
de cristais, de metralha

ansiosa de una batalla,
sediente de una explosión.

Era tu mano derecha,
capaz de fundir leones,
la flor de las municiones
y el anhelo de la mecha.

Rosario, buena cosecha,
alta como un campanario
sembrabas al adversario
de dinamita furiosa
y era tu mano una rosa
enfurecida, Rosario.

Buitrago ha sido testigo
de la condición de rayo
de las hazañas que callo
y de la mano que digo.

¡Bien conoció el enemigo
la mano de esta doncella,
que hoy no es mano porque de ella,
que ni un solo dedo agita,
se prendó la dinamita
y la convirtió en estrella!

Rosario, dinamitera,
puedes ser varón y eres
la nata de las mujeres,
la espuma de la trinchera.

Digna como una bandera
de triunfos y resplandores,
dinamiteros pastores,
vedla agitando su aliento
y dad las bombas al viento
del alma de los traidores.

ansiosa de uma batalha,
sedenta de uma explosão

Era tua mão direita
capaz de fundir leões,
a flor das munições
e o desejo do pavio.

Rosário, boa colheita,
alta como um campanário,
semeavas o adversário
de dinamite furiosa
e era tua mão uma rosa
enfurecida, Rosário

Buitrago foi testemunha
da índole de raio
das façanhas que calo
e da mão de que falo.

Bem conheceu o inimigo
a mão desta donzela
que hoje não é mão porque nela,
que nem um só dedo agita,
se prendeu a dinamite
e a converteu em estrela!

Rosário, dinamiteira,
podes ser varão e és
a nata das mulheres
a espuma da trincheira.

Digna como uma bandeira
de triunfos e resplendores
dinamiteiros pastores,
vejam-na agitando seu alento
e dai as bombas ao vento
da alma dos traidores.¹³

¹³ Tradução de Francisco Quartim de Moraes.



Rosario dinamiteira, nos tempos de miliciana e setenta anos depois.

No verão de 1937, Rosario voltou à linha de frente, assumindo o serviço de correspondência dos soldados e assegurando o contato com o Estado Maior de Madri. A 10ª Brigada Mixta de El Campesino, que tinha se transformado na 46ª Divisão, com mais de doze mil combatentes, desfechou uma contra-ofensiva em direção de Brunete na tentativa de cercar as forças fascistas que sitiavam a capital pelo sudoeste. O objetivo foi parcialmente atingido com a tomada de Brunete, mas a superioridade de meios bélicos do inimigo lhe permitiu retomar logo em seguida essa posição chave.

De volta a Alcalá, Rosario casou-se dia 12 de setembro con Francisco (Paco) Burcet, sargento da Sección de Muleros, que conhecera na 10ª Brigada Mixta. Tiveram alguns meses para viver seus intensos amores. Rosario engravidou. Mas em janeiro de 1938, Paco partiu para Teruel, última grande batalha em que a República encontrou forças para uma contra-ofensiva. O terreno conquistado a duríssimas penas (inclusive a cidade de Teruel) foi perdido logo depois. A divisão de El Campesino voltou a Madri, exausta e dizimada. Para Rosario e Paco foi a segunda e última temporada de amores. Ficaram juntos duas semanas, até Paco partir com sua unidade para a frente aragonesa, onde os fascistas estavam em plena ofensiva. Mantiveram correspondência durante alguns meses; em 22 de

julho nasceu sua filha, Elena. Em meados de novembro, terminava a batalha do Ebro: a zona republicana foi cortada em duas pelas tropas de Franco, que lançaram sua ofensiva final. Desde então, ela não recebeu mais cartas de Paco. Em abril de 1939, tudo estava terminado: após os trágicos horrores da guerra, viriam quatro décadas de opressão clérico-fascista.

Rosario deixou Elena com a segunda mulher de Andrés, seu pai, e com ele tentou escapar pelo porto de Alicante. Lá tinham se concentrado cerca de 15.000 republicanos, na expectativa de embarcar nos navios da Sociedade de Nações, que nunca chegaram. Pusilanimidade ou calhordice pura e simples, os sempre hipócritas governos liberais europeus deixaram os defensores da República Espanhola cair nas garras dos carniceiros. (Os que lograram atingir o território francês, por terra ou por mar, foram confinados em campos de concentração). Andrés, pai de Rosario, foi fuzilado sumariamente, como muitos outros. Ela foi levada a Madri, onde fascistas de sua aldeia natal forneceram seu currículo completo aos órgãos do novo Estado franquista. Pediram a pena de morte para ela; acabou condenada a trinta anos. Percorreu vários presídios, começando pelo de Ventas, “enorme armazém humano”¹⁴ em que se amontoavam mais de quatro mil mulheres (dez vezes mais do que sua capacidade). No dia 28 de março de 1942, foi posta em liberdade condicional. Nesse mesmo dia morreu na prisão de Alicante, após longa enfermidade agravada pelos maus tratos carcerários, o querido poeta Miguel Hernández.

Como tantos outros defensores da República que não puderam ou não quiseram emigrar, passou as muitas décadas da ditadura de Franco num exílio interior. Uma vida de perseguições e discriminações, “dura y valiente”, como ela disse aos oitenta e seis anos numa entrevista. Graças ao escritor Carlos Fonseca, dispomos de uma bela história dessa sua vida: *Rosario dinamitera. Una mujer en el frente* (Temas de Hoy, Madri, 2006).

¹⁴ A expressão é do artigo “La mujer dinamitera”, http://www.kaosenlared.net/noticia.php?id_noticia=16071”.

A miliciana de mão de estrela morreu em 17 de abril de 2008. Foi enterrada no cemitério civil de la Almudena, em Madri (separado do católico), na presença de suas duas filhas e uma centena de amigas, amigos, camaradas, entre os quais Paco Frutos, secretário geral do PCE. Ficou em muito honrosa companhia: lá está enterrada a grande dirigente comunista Dolores Ibarruri, bem como Pablo Iglesias, marxista e dirigente histórico do socialismo espanhol. Na curta cerimônia laica do enterro, a única oração que se ouviu foi o poema que Miguel Hernández tinha escrito para ela, setenta e dois anos antes. No final, alguém gritou “Viva la República!”. “Viva la República!” repetiram os demais. E saíram cantando a Internacional.

PRIMEIRA VERSÃO

Títulos Publicados

80. Shiguenoli Miyamoto. *Perspectivas do estudo das relações internacionais no Brasil.*
81. João Quartim de Moraes. *Erasmus e Lutero: teologia e reforma do cristianismo.*
82. Shiguenoli Miyamoto. *O idealismo e a paz mundial.*
83. Reginaldo C. C. de Moraes. *Economia, política e ideologias. Notas sobre neoliberais, keynesianos e cepalinos.*
84. Octavio Ianni. *Língua e sociedade.*
85. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Situações. Conjuntura, Empresários/Trabalhadores e Alca.*
86. Reginaldo C. Corrêa de Moraes. *Brasil, política: estruturas, conjunturas, conjecturas.*
88. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Desencontros: o Brasil e o mundo no limiar dos anos 80.*
89. Shiguenoli Miyamoto. *A segurança regional no contexto do Mercosul.*
91. Shiguenoli Miyamoto. *A política de defesa brasileira e a segurança regional.*
92. Pedro Paulo A. Funari & Nanci Vieira Oliveira, *Arqueologia em Mato Grosso.*
93. Shiguenoli Miyamoto. *O Brasil e as negociações multilaterais.*
95. Shiguenoli Miyamoto. *Cooperação, competição e integração regionais: o difícil entendimento.*
96. Maria Lygia Quartim, *Memória biográfica e terrorismo de Estado: Brasil e Chile.*
97. Shiguenoli Miyamoto. *Os estudos estratégicos e a academia brasileira: uma avaliação.*
99. Shiguenoli Miyamoto. *O Mercosul e a segurança regional: uma agenda comum.*
101. Reginaldo C. Corrêa de Moraes. *O pequeno século XX: o Estado, o mercado e o et cetera.*
102. Shiguenoli Miyamoto. *Geopolítica do Brasil: algumas considerações.*
103. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Democracia e ordem internacional: reflexões a partir de um país grande semiperiférico.*
104. Caio Navarro de Toledo. *Universidade, intelectuais e pensamento crítico.*
105. Tom Dwyer (org.), Maria Herminia Tavares de Almeida, Juarez Lopes Brandão e Roberto Cardoso de Oliveira. *As origens do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Sociais e as perspectivas para o futuro – um encontro com alguns fundadores.*
106. Cátia Aida Silva. *Acesso à justiça: uma leitura dos direitos e da cidadania no Brasil Contemporâneo.*
107. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Teoria e História. Notas críticas sobre o tema da mudança institucional em Douglas North.*
108. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Organizações internacionais e reformas neoliberais: reflexões a partir do tema da propriedade intelectual.*
109. Maria Lygia Quartim de Moraes, *Dois estudos sobre cidadania.*
110. Reginaldo C. Corrêa de Moraes, Juliana do Couto Ghisolfi e Maitá de Paula e Silva: *Universidade no Brasil, 2002 – problemas & dilemas.*
111. Shiguenoli Miyamoto. *O ensino das relações internacionais no Brasil: problemas e perspectivas.*
112. Lucas Angioni. *O problema da compatibilidade entre a teoria da ciência e as ciências naturais em Aristóteles.*
113. Octavio Ianni. *Sociologia do terrorismo.*
114. Guita Grin Debert. *Arenas de conflitos éticos nas delegacias especiais de polícia.*
115. Tom Dwyer (org.), Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Ricardo Abramovay, Leila da Costa Ferreira, Rita de Cássia Lahoz Morelli e Rachel Meneguello. *O ensino interdisciplinar nas Ciências Sociais.*

116. Adriana Piscitelli. *Delegacias especiais de polícia em contexto: reflexões a partir do caso de Salvador (Bahia)*.
117. Shiguenoli Miyamoto. *A segurança e a ordem internacionais no limiar do novo século*.
118. Reginaldo C. Corrêa de Moraes. *Berle & Means, de 1932 a 2002: a ordem política do capitalismo corporativo*.
119. Shiguenoli Miyamoto e Patrícia Nasser de Carvalho. *A ONU e a paz mundial: alcances e limites*.
121. Maria Lygia Quartim de Moraes, *Feminismo, movimentos de mulheres e a re(construção) da democracia em três países da América Latina*.
122. Shiguenoli Miyamoto e Paulo César Manduca. *Segurança hemisférica: uma agenda inconclusa*.
123. Armando Boito Jr. *Classe média e sindicalismo*.
124. Izabel A. Marson. *Política e memória em Um Estadista do Império*.
125. Octavio Ianni. *Enigmas do pensamento latinoamericano*.
126. Eliane Moura da Silva. *Repensando o fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas*.
127. Maria Lygia Quartim de Moraes. *Algo de novo na América Latina?*
128. Alessandro André Leme. *Estado e energia: conjunturas e conjecturas acerca do setor elétrico brasileiro*.
129. José Carlos Pinto de Oliveira, *Quine e o projeto de uma ciência cognitiva*.
130. Alessandro André Leme. *Reformas do Estado: o caso do setor elétrico na Argentina e no México*.
131. Amnérís Maroni. *Busca e mistério*.
132. Maria Filomena Gregori. *Feixes, paralelismo e entraves: as delegacias de defesa da mulher de São Paulo e as instituições*.
133. Duarcides Ferreira Mariosa. *Florestan Fernandes e os Tupinambá*.
134. José Carlos Pinto de Oliveira. *História da ciência e história da arte. uma introdução à teoria de Kuhn*.
135. Alessandro André Leme. *Privatização e energia elétrica: debate preliminar sobre a reestruturação do setor elétrico e a crise de racionamento de energia*.
136. Álvaro Bianchi. *O Laboratório de Gramsci*.
137. Shiguenoli Miyamoto e Juliana Santos Maia Bertazzo. *A Política das Forças Armadas: Conflitos e Institucionalização do Regime Militar*.
138. José Carlos Pinto de Oliveira. *Kuhn e a Revolução Historiográfica na Ciência e na Arte*.
139. Shiguenoli Miyamoto e Alessandro Shimabukuro. *Política e Estratégia no Brasil Contemporâneo*.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária “Zeferino Vaz”
Caixa Postal 6.110
13081-970 – Campinas – São Paulo – Brasil

Tel.: (0XX 19) 3521.1604 / 3521.1603
Telefax.: (0XX 19) 3788.1589
<http://www.ifch.unicamp.br/pub>
pub_ifch@unicamp.br

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received:

FALTA-NOS: _____

We are lacking:

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE FORMULÁRIO SERÁ ENTENDIDA COMO UMA
DESISTÊNCIA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not
wanted.